

UNIVERSIDADE FEDERAL DO AMAZONAS – UFAM
INSTITUTO DE NATUREZA E CULTURA- INC
CURSO DE LICENCIATURA EM LETRAS – LÍNGUA E LITERATURA PORTUGUESA
E LÍNGUA E LITERATURA ESPANHOLA

ROBISON ANTÔNIO MARIANO

**A IMPORTÂNCIA DA LITERATURA INDÍGENA EM UMA ESCOLA MUNICIPAL
INDÍGENA DO MUNICÍPIO DE BENJAMIN CONSTANT/AM**

BENJAMIN CONSTANT/AM

2025

ROBISON ANTÔNIO MARIANO

**A IMPORTÂNCIA DA LITERATURA INDÍGENA EM UMA ESCOLA MUNICIPAL
INDÍGENA DO MUNICÍPIO DE BENJAMIN CONSTANT/AM**

Trabalho de Conclusão de Curso II apresentado ao Curso de Licenciatura em Letras: Língua e Literatura Portuguesa e Língua e Literatura Espanhola, do Instituto de Natureza e Cultura – INC, da Universidade Federal do Amazonas (UFAM), como requisito para obtenção do título de Licenciado em Letras – Língua e Literatura Portuguesa e Língua e Literatura Espanhola.

Orientadora: Dra. Andreza Marcião dos Santos

BENJAMIN CONSTANT/AM

2025

FICHA CATALOGRÁFICA

Ficha Catalográfica

Elaborada automaticamente de acordo com os dados fornecidos pelo(a) autor(a).

- M333i Mariano, Robison Antônio
A importância da literatura em uma escola Municipal Indígena do Município de Benjamin Constant/AM / Robison Antônio Mariano. - 2025. 39 f. : il., p&b. ; 31 cm.
- Orientador(a): Andreza Marcião dos Santos.
Trabalho de Conclusão de Curso (graduação) - Universidade Federal do Amazonas, Instituto de Natureza e Cultura de Benjamin Constant, Curso de Letras - Língua Portuguesa e Língua Espanhola, Benjamin Constant, 2025.
1. Literatura Indígena. 2. Entoeducação. 3. Identidade cultural. 4. Docente. I. Santos, Andreza Marcião dos. II. Universidade Federal do Amazonas. Instituto de Natureza e Cultura de Benjamin Constant. Curso de Letras - Língua Portuguesa e Língua Espanhola. III. Título
-

ROBISON ANTÔNIO MARIANO

**A IMPORTÂNCIA DA LITERATURA INDÍGENA EM UMA ESCOLA MUNICIPAL
INDÍGENA DO MUNICÍPIO DE BENJAMIN CONSTANT/AM**

Trabalho de Conclusão de Curso II apresentado ao Curso de Licenciatura em Letras: Língua e Literatura Portuguesa e Língua e Literatura Espanhola, do Instituto de Natureza e Cultura – INC, da Universidade Federal do Amazonas (UFAM), como requisito para obtenção do título de Licenciado em Letras – Língua e Literatura Portuguesa e Língua e Literatura Espanhola.

Este trabalho foi defendido e aprovado pela banca em 05/12/2025

BANCA EXAMINADORA

Prof.^a Dr.^a Andreza Marcião dos Santos - UFAM
Orientadora

Prof. Esp. Max de Souza Pinheiro- UFAM
Avaliador

Prof. Me. Juan Emilio Garcia Torres - UFAM
Avaliador

DEDICATÓRIA

Dedico este trabalho a minha família, meu porto seguro e minha maior motivação e a base de tudo que sou e que conquistei. Aos meus pais Jesus Sampaio e Inez Antônio, por cada gesto de carinho, cada palavra de encorajamento e por sempre acreditarem em mim.

As minhas irmãs, companheiros de vida, que me incentivaram com palavras de carinho, gestos de apoio e tantas vezes foram meu refúgio nos dias difíceis.

Este trabalho é fruto não apenas de meu esforço, mas também da força, paciência e encorajamento que sempre encontrei em vocês.

Que esta conquista seja nossa, porque sem vocês nada disso seria possível.

AGRADECIMENTOS

Primeiramente agradeço ao meu bom Deus por ter me dado forças para que eu pudesse concluir mais uma etapa da minha vida, e ter permitido que eu tivesse saúde e determinação para não desanimar durante a realização deste trabalho.

Agradeço a minha querida família, porque ela sempre esteve me apoiando na trajetória dos meus estudos e compreendeu a minha ausência durante a realização deste trabalho, e assim, acreditaram na minha força de vontade e potencial.

Agradeço a minha professora orientadora, Dra. Andreza Marcião dos Santos, por fazer parte deste estudo. Meu muito obrigado pela competência, paciência e ter desempenhado tal função com dedicação e amizade, com que me acompanhou durante toda a realização deste trabalho.

Também agradeço aos meus pais, Jesus Sampaio Mariano e Inez da Silva Antônio, que mesmo estando distantes sempre me deram forças para que eu pudesse continuar, e aos meus irmãos, Nair Sampaio da Silva, Cesias Sampaio da Silva, Martaluz Antonio Mariano, assim como o meu cunhado, Macario Perez de Zousa.

A todos os professores do curso de Letras que tive a honra de conhecer, conviver e ter como referência, que compartilharam seus conhecimentos e me guiaram durante o aprendizado. Fizeram-me ainda uma pessoa capaz de vencer na vida e me permitiram apresentar um melhor desempenho no meu processo de formação profissional ao longo do curso. Em especial, a minha primeira orientadora de TCC I, a Professora Cristiane Alves da Silva.

E, dessa forma, agradeço imensamente a todas as pessoas que me ajudaram a contribuir de alguma forma para a realização deste trabalho, e que foram relevantes para o enriquecimento no meu processo de aprendizado. Assim, tornei-me a pessoa que sou hoje pelo resultado da confiança e da força de cada um de vocês.

RESUMO

A literatura indígena representa uma poderosa ferramenta de valorização da identidade, da língua e da cultura dos povos originários, especialmente no contexto escolar. Este trabalho investiga a forma como a literatura indígena é abordada em uma escola municipal indígena no município de Benjamin Constant/AM, buscando compreender sua importância no processo de ensino e aprendizagem e sua contribuição para o fortalecimento da identidade Ticuna. A pesquisa, de abordagem qualitativa, foi realizada por meio de estudo bibliográfico e pesquisa de campo com professores indígenas, utilizando questionários e observação participante. Os resultados demonstram que a literatura indígena está presente nas práticas pedagógicas por meio de contos, dramatizações, músicas, danças e uso de materiais bilíngues produzidos por autores da própria comunidade. Verificou-se que o ensino dessa literatura desperta o interesse dos alunos, reforça o sentimento de pertencimento e contribui para a preservação da língua e das tradições orais. Além disso, evidenciou-se que as estratégias pedagógicas baseadas na etnoeducação favorecem uma aprendizagem intercultural, que respeita e integra os saberes tradicionais ao conhecimento formal. Conclui-se que a literatura indígena, quando inserida de maneira significativa na escola, ultrapassa o papel didático e torna-se um instrumento de resistência, preservação e afirmação cultural, reafirmando o protagonismo dos povos indígenas no espaço educacional.

Palavras-chave: Literatura indígena; Etnoeducação; Identidade cultural; Docente.

RESUMEN

La literatura indígena representa una herramienta poderosa para valorar la identidad, la lengua y la cultura de los pueblos originarios, especialmente en el contexto escolar. Este trabajo investiga cómo se aborda la literatura indígena en una escuela indígena municipal del municipio de Benjamín Constant/AM, buscando comprender su importancia en el proceso de enseñanza-aprendizaje y su contribución al fortalecimiento de la identidad ticuna. La investigación, con un enfoque cualitativo, se llevó a cabo mediante un estudio bibliográfico y una investigación de campo con docentes indígenas, utilizando cuestionarios y observación participante. Los resultados demuestran que la literatura indígena está presente en las prácticas pedagógicas a través de cuentos, dramatizaciones, canciones, danzas y el uso de materiales bilingües producidos por autores de la propia comunidad. Se encontró que la enseñanza de esta literatura despierta el interés de los estudiantes, refuerza el sentimiento de pertenencia y contribuye a la preservación de la lengua y las tradiciones orales. Además, se evidenció que las estrategias pedagógicas basadas en la etnoeducación favorecen el aprendizaje intercultural, que respeta e integra los conocimientos tradicionales con los conocimientos formales. Se concluye que la literatura indígena, al integrarse significativamente en las escuelas, trasciende su función didáctica y se convierte en un instrumento de resistencia, preservación y afirmación cultural, reafirmando el protagonismo de los pueblos indígenas en el ámbito educativo.

Palabras clave: Literatura indígena; Etnoeducación; Identidad cultural; Maestro.

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

AM - Amazonas

OGPTB - Organização Geral do Professores Ticunas Bilíngues

IBGE - Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	8
2 REFERENCIAL TEÓRICO	10
2.1 A Literatura Indígena Ticuna	10
2.2 O ensino da literatura indígena em escolas indígenas	13
3 CAMINHOS METODOLÓGICOS	16
3.1 Natureza da pesquisa	16
3.2 Fenomenologia e análise de dados	17
4 ANÁLISE E DISCUSSÃO DOS RESULTADOS	18
4.1. A presença da literatura indígena em sala de aula.....	18
4.2 A literatura indígena em sala de aula e o material utilizado.....	19
4.3 Estratégia pedagógica para o ensino de literatura indígena.....	21
4.4. A motivação dos alunos ao se trabalhar com a história e a cultura indígena	23
4.5 Literatura indígena como instrumento de preservação da língua e da cultura ticuna.....	25
4.6 A importância da literatura indígena no processo de ensino e aprendizagem.....	28
5 CONSIDERAÇÕES FINAIS	31
REFERÊNCIAS	32
APÊNDICE 1 – QUESTIONÁRIO	36

1 INTRODUÇÃO

A literatura indígena é importante para o ensino de língua portuguesa, pois além de ajudar os alunos a compreenderem sua cultura, ajuda no desenvolvimento das habilidades linguísticas. E, dessa forma, eles irão valorizar as obras que tradicionalmente pertencem a seu contexto social, tornando-os leitores críticos perante a sociedade. Tais afirmações partiram das observações das disciplinas de estágio do Curso de Letras: Língua e Literatura Portuguesa e Língua e Literatura Espanhola, sendo elas: “INL085 - Estágio Supervisionado em Língua Portuguesa I – Observação” e “INL109 - Estágio Supervisionado em Língua Portuguesa II”.

Os estágios foram realizados em escolas indígenas do município de Benjamin Constant/AM e, nesse percurso, foi observado que muitos alunos desconheciam a literatura indígena, pois nem todos os professores utilizavam textos literários, mas havia alguns professores que trabalhavam a literatura através dos contos, música e dança. Ainda durante esse período, observou-se um docente que sempre defendeu a literatura indígena, afirmando que não poderíamos deixar de lado a literatura indígena. Isso porque, hoje, não temos mais a presença física de nossos antepassados, mas há um legado que se faz presente na literatura indígena para os futuros professores.

Enquanto discente indígena da etnia Ticuna, pude perceber a importância da valorização da literatura indígena para a compreensão da minha própria cultura e identidade, bem como a relevância dela no ambiente educacional. De forma particular, compreendo que o ensino da literatura é um meio que serve como ferramenta conciliadora entre o desenvolvimento no modo de expressar ideias e anseios sobre a sociedade e a importância de manter viva as experiências, as histórias e a cultura dos povos indígenas.

Com isso, buscamos promover mais discussões a fim de defender a permanência da literatura indígena nas escolas, reconhecendo e valorizando a diversidade literária em vários textos indígenas. Assim, os alunos poderão usar a literatura indígena no seu próprio repertório para expressar-se de forma mais crítica diante da realidade em que estiver inserido.

Pensando nisso, esta pesquisa traz um novo olhar para a literatura indígena, evidenciando sua importância no âmbito escolar, uma vez que visa compreender como funciona o ensino da literatura indígena no contexto local nas comunidades indígenas, principalmente quando se trata da literatura indígena local, que remete a valorização do povo Ticuna, no município de Benjamin Constant/AM.

Acerca disso, delineamos como objetivo geral: verificar se a literatura indígena está sendo trabalhada em uma escola indígena localizada no município de Benjamin Constant/AM.

Para alcançá-lo, elencamos os seguintes objetivos específicos: i) mostrar o ensino da literatura indígena em sala de aula; ii) identificar os materiais didáticos utilizados pelos professores indígenas quando se trata da literatura indígena; iii) analisar a importância da literatura indígena no contexto escolar.

É importante salientar ainda a diversidade cultural e a riqueza das tradições orais, que buscam romper com estereótipos e valorizar a perspectiva de autores indígenas que abordam as histórias dos povos originários, discutindo questões como identidade, ancestralidade e resistência. Dessa maneira, é possível desenvolver conhecimentos mútuos que podem ser diversificados em relação ao ensino e aprendizagem, especialmente em relação à literatura indígena, tanto na língua escrita quanto na oralidade. Por essa razão, formulamos as seguintes questões norteadoras: de que forma a literatura indígena está sendo trabalhada em uma escola indígena do município de Benjamin Constant/AM? Qual a importância desse ensino para os alunos indígenas neste contexto escolar específico?

Entendemos que os professores, como construtores de saberes em sala de aula, podem propiciar momentos que contribuam para a valorização cultural indígena, especificamente a do povo Ticuna. De modo geral, pesquisas na área revelam a importância de se trabalhar a literatura indígena em sala de aula, mas, pouco se sabe sobre as realidades das escolas indígenas e o acesso à literatura. Logo, o primeiro passo é pensar como propiciar momentos que contribuam para a valorização cultural, considerando as necessidades específicas dos alunos.

Sendo assim, e partindo dessas considerações iniciais, o presente texto organiza-se em 5 seções: Seção 1: Introdução, apresentação da justificativa, objetivos e relevância da pesquisa; Seção 2: Revisão de Literatura e desenvolvimento dos conceitos-chave da pesquisa; Seção 3: Metodologia, em que ocorre a descrição dos procedimentos adotados; Seção 4: Análise e discussão dos resultados; Seção 5: Considerações Finais.

2 REFERENCIAL TEÓRICO

2.1 A LITERATURA INDÍGENA TICUNA

Historicamente, a matéria literária dos povos originários foi sistematicamente impedida de configurar na literatura que na maioria das vezes, foi feita pelos brancos europeus. Segundo Thiél (2012, p.11) “Literatura é a arte da palavra e a palavra diz o mundo, diz os seres que nele habitam e diz sua história, suas relações, encontros, conflitos, buscas e questionamentos.”

Entendemos que a autora abrange o contexto histórico de cada povo ao buscar contar a história de diferentes etnias indígenas, ricas em culturas, lutas e superações que os seus antepassados passaram.

Relacionado a isso, o estudo da literatura indígena também conduz a uma reflexão sobre o outro, propondo o diálogo entre a voz indígena e a voz não-indígena. Um exemplo seria o da região do Alto Solimões (município de Benjamin Constant-AM), onde ao longo da história da colonização, os povos indígenas foram impossibilitados de escrever e até mesmo de falar em sua própria língua, através de proibições realizadas por missões religiosas, funcionários de governo e até mesmo pela população não indígena.

Esses povos traziam consigo a Memória Ancestral. Entretanto, essa harmônica tranquilidade foi alcançada pelo braço forte dos invasores: caçadores de riquezas e de almas. Passaram por cima da memória e escreveram no corpo dos vencidos uma história de dor e sofrimento. Muitos dos atingidos pela gana destruidora tiveram que ocultar-se sob outras identidades para serem confundidos com os desvalidos da sorte e assim sobreviver. Esses se tornaram sem-terra, sem-teto, sem história, sem humanidade. Tiveram que aceitar a dura realidade dos sem memória, gente das cidades que precisa guardar nos livros seu medo do esquecimento (Corrado, 2018, p. 18).

Apesar disso, os indígenas resistiram, pois ainda são faladas mais de 180 línguas indígenas por mais de 240 povos no Brasil, segundo os relatos de linguistas que embasam a obtenção de informações relacionada à literatura indígena contemporânea. Torna-se, então, um espaço de diálogo entre os autores e seus leitores, desconstruindo os estereótipos sobre o indígena, cultivados ao longo dos séculos e dialogando com eles mesmos sobre suas identidades e denominações. Dorrico *et al.* (2018, p. 18) discutem sobre a importância da literatura indígena nesse contexto:

A cultura dos povos indígenas, ao longo dos tempos, tem sido tratada com certo desdém – vivendo em um hiato de esquecimento abissal. [...] O Brasil necessita se conhecer, é impossível pensar em nossa história sem levar em consideração os povos aqui existentes, sem louvar a ancestralidade presente no canto dos pássaros e nas brisas do passado. Por isso, e muito mais, devemos encontrar mecanismos para a manutenção da cultura indígena, primordial para o surgimento da nação brasileira.

Por meio das palavras dos autores, é necessário resgatar e valorizar a cultura indígena, pois corre-se o risco de esquecimento da própria língua materna e dos costumes, danças, rituais de passagem como o da “moça nova”, comidas típicas, artesanatos e outros elementos que possibilitam a construção da identidade do povo Ticuna.

Nesse sentido, os professores devem trazer questões que possibilitem ao aluno pensar ativamente sobre as questões culturais do seu povo, de modo a promover a relação entre o ensino de literatura indígena e os saberes tradicionais em sala de aula. De fato, é propor um trabalho com a literatura que promova uma valorização entre a cultura e a identidade Ticuna. De acordo com Costa Oliveira (2008, p. 117):

Segundo pesquisadores e estudiosos da área da linguística, existiam no Brasil em 1500 entre 1.200 e 1.500 línguas indígenas, quando Pedro Álvares Cabral chegou a Porto Seguro, no atual estado da Bahia. Destas, somente 180 ainda são faladas hoje e delas mais de 40 estão ameaçadas de extinção em curto prazo por número reduzido de falantes, baixa transmissão às novas gerações e poucos velhos que as dominam. Apesar da drástica redução das línguas indígenas faladas no Brasil, as 180 sobreviventes representam uma enorme riqueza cultural do país, na medida em que correspondem a 75% de todas as que são faladas no Brasil – segundo o Censo do IBGE de 2000, são 241 línguas, incluindo a língua nacional, o português. É necessário firmar que 18% (30) das línguas indígenas brasileiras também são faladas nos países vizinhos.

Com base nas pesquisas do IBGE, os linguistas classificam que as atuais línguas indígenas faladas no Brasil ainda sobrevivem por meio de troncos, das famílias, línguas e dialetos. Desta forma, em se tratando do povo ticuna e suas trajetórias entre altos e baixos no decorrer do tempo, graças a Organização Geral dos Professores Ticuna Bilíngues (OGPTB) e ao Projeto Educação Ticuna, houve a colaboração para a construção de uma escola diferenciada, voltada para a valorização da língua e da cultura, a promoção da saúde, a defesa da terra, do meio ambiente e da cidadania.

Devido a isso, a educação escolar indígena da etnia foi reconhecida e valorizada pelo nível nacional e por proporcionar aos professores indígenas condições de planejar e gerenciar sua educação formal. É entender a escola como espaço de criação e reflexão, bem como um ambiente que possibilite os professores, especificamente os formados no Curso de Letras: Língua e Literatura Portuguesa e Língua e Literatura Portuguesa do Instituto de Natureza e

Cultura (INC/UFAM), a realizarem experiências literárias de escrita, leitura, tradução e edição com outros professores, principalmente com docentes indígenas, pois compreendemos a importância de propor diálogos que enriqueçam o conhecimento acerca dos diferentes costumes e tradições indígenas. Isso não reflete somente a inserção da literatura indígena no conjunto diverso da literatura brasileira, mas também à criação da literatura indígena específica de um povo.

Desde 1993, isto é, há 32 anos, que os professores indígenas produzem materiais didáticos para as escolas indígenas no Programa de Implantação das Escolas Indígenas. Esse processo é desenvolvido pela equipe da Jussara Gruber, que propõe ideias sobre a literatura indígena situada no campo dos estudos literários. Considerando esta autora, ao lado de Marília Facó, outra professora e pesquisadora da língua indígena, são construídas e elaboradas obras que já configuram uma realidade indígena e acabam propondo um diálogo entre culturas, à base de produtos culturais diferentes. Segundo Almeida (2014, p. 20):

As relações intersemióticas entre os livros e os outros objetos produzidos pelos índios, entre os livros dos índios e os dos brancos, entre os textos antigos e os modernos, entre os textos audiovisuais e os impressos, acabarão por produzir novos espaços de inclusão – fricções interculturais – mais adequados à pluralidade da sociedade brasileira. Quanto mais se vê, mais se conhece, e mais se ama: essa lógica ideal justifica o esforço de publicação dos textos indígenas.

Por isso, destacamos a importância da língua ticuna como a primeira língua dos falantes ticuna, que progride a partir da valorização da literatura indígena desenvolvida na sala de aula, porquanto vai revivendo o ensino de suas gerações ancestrais. No caso específico da etnia Ticuna, a produção de livros é caracterizada pela autoria coletiva, ou seja, não é somente um autor que escreve a obra, e sim várias pessoas da comunidade. Exemplo disso é o “Livro das árvores”, organizado por Gruber (1997), que foi elaborado através da relação com as narrativas orais dos anciãos, pela necessidade de se escrever em uma determinada língua e para manter viva as histórias do povo Ticuna.

A produção da escrita foi a partir da oralidade em uma narrativa feita pelos anciãos indígenas, servindo também para garantir a continuidade de suas gerações. Essa literatura, trouxe a perspectiva de comunidades pela afirmação da cultura e identidade, mantendo a língua viva para que as futuras gerações reconheçam a sua importância e que elas consigam compreender e entender o contexto no qual está inserido.

E a escrita e seus meios são instrumentos que os índios estão utilizando para configurar suas identidades. Identidades, não como essência, mas resultantes de

processos de identificação do sujeito ao complexo de formações discursivas historicamente (ideologicamente) determinadas (Almeida, 2005, p. 02).

Outro exemplo de autoria coletiva é o livro “Nosso povo, TORÜ DUÛ’ÛGÛ”. Esse livro conta a história do passado ticuna e, a partir dele, começamos a entender a história do povo originário. A finalidade desse livro era trazer um novo olhar sobre as narrativas desse povo, em que os ticunas pudessem recontar casos e personagens que lhes são familiares e somente conhecidos por eles. Essa proposta é fruto do projeto de Curso de Licenciatura Plena para Professores Indígenas do Alto Solimões, que dá continuidade ao trabalho realizado pela OGPTB, que vem há muitos anos lutando pela melhoria da educação escolar indígena na região por meio de programas e projetos, especialmente para a formação de professores.

Portanto, a literatura indígena narra uma forma diferente de pensar sobre o mundo. Entre os objetivos estão o impulso de contar a alguém o que acontece em nosso meio. Narrar fatos, histórias e acontecimentos é uma experiência que de forma mítica remonta às origens mais remotas da humanidade, quando as pessoas se reuniam em volta das fogueiras ou em cavernas para ouvir àquele que lhes narrava um mito ou uma saga heroica de caçador. Isso traz inúmeras informações sobre as tradições e culturas que motivam e incentivam os leitores para a compreensão e entendimento do mundo indígena.

2.2 O ENSINO DA LITERATURA INDÍGENA EM ESCOLAS INDÍGENAS

O ensino da literatura indígena em escolas indígenas representa um espaço fundamental para a valorização da identidade, da memória coletiva e da resistência cultural dos povos originários. A literatura, nesse contexto, não é apenas um recurso didático, mas um instrumento de preservação e transmissão de saberes ancestrais, que possibilita o fortalecimento da língua e da cultura no ambiente escolar.

De acordo com Oliveira e Costa (2024, p. 5), “o conhecimento de autores/as indígenas e de suas produções literárias contribui para que os estudantes se reconheçam como sujeitos históricos, portadores de saberes e protagonistas de suas próprias narrativas”. Assim, o contato com a literatura indígena possibilita o enfrentamento de estigmas e preconceitos, além de promover o respeito à diversidade cultural.

No caso específico da literatura Ticuna, sua presença no currículo escolar é estratégica, pois reforça a identidade de um dos maiores povos indígenas da Amazônia. Como destaca Cardoso (2025, p. 87), ao analisar práticas pedagógicas em comunidades Ticuna, “a

educação intercultural se efetiva quando os conteúdos trabalhados dialogam com as vivências cotidianas dos estudantes, valorizando a tradição oral e escrita de sua comunidade”.

A literatura indígena, portanto, atua como mediadora entre a língua portuguesa e os saberes tradicionais, permitindo que o ensino vá além da simples normatização gramatical. Nesse sentido, Oliveira e Costa (2024, p. 8) argumentam que “as produções literárias indígenas trazem consigo a força da ancestralidade e possibilitam ao estudante compreender sua língua materna e o português em uma relação de complementaridade, e não de substituição”.

Ademais, a utilização de livros produzidos pelos próprios professores e escritores indígenas, conforme apontado na subseção anterior, contribui para a formação de um currículo diferenciado e contextualizado, no qual os estudantes encontram reflexos de suas histórias e cosmovisões (Cardoso, 2025). Isso garante um ensino de língua portuguesa que não nega as raízes culturais, mas que se enriquece delas.

Segundo Gomes (2017, p. 62), “ao escrever e publicar suas próprias narrativas, os docentes indígenas reafirmam sua autoria cultural e constroem um material pedagógico enraizado em sua cosmovisão”. Esse movimento de autoria fortalece o protagonismo indígena dentro da educação escolar.

Todavia, é relevante pensarmos ainda sobre a resistência ao apagamento cultural, visto que, para Amaral (2020, p. 79), “a literatura indígena cumpre a função de manter viva a memória coletiva, sendo essencial na luta contra a homogeneização cultural imposta pela sociedade ocidental”. Nesse sentido, o ensino da literatura em escolas indígenas é também um ato político de resistência.

Krenak (2019, p. 27) lembra que “a literatura indígena é, antes de tudo, arte; e como tal, deve ser apreciada não apenas por seu caráter pedagógico, mas por sua potência criativa e poética”. Portanto, não se trata de mera inserção curricular e análise estética, mas de reconhecimento de um patrimônio literário, em que o diálogo entre a língua e a literatura possibilita uma visão intercultural.

Destaca-se, assim, que “a literatura indígena, quando integrada ao ensino de língua portuguesa, contribui para a formação de cidadãos críticos e conscientes de sua identidade cultural, ao mesmo tempo em que promove a equidade no acesso ao conhecimento (Ribeiro, 2018, p. 133)”. Exemplo disso é dado por Daniel Munduruku, ao reforçar a escrita como um ato de resistência, que amplia o espaço da memória indígena na esfera pública. O autor critica a escola ocidental e propõe uma pedagogia intercultural, desafiando a lógica homogeneizadora do currículo nacional, pois:

A escola ocidental não foi pensada para acolher os indígenas. Pelo contrário, ela nasceu como espaço de imposição cultural. Nesse sentido, as tentativas de adaptação curricular precisam considerar que os povos indígenas não se enxergam como deficitários, mas como portadores de saberes igualmente legítimos (Munduruku, 2012, p. 78).

Por exemplo, em *Memórias de índio* (2016), Munduruku resgata a centralidade da oralidade, mostrando que o livro não substitui, mas complementa a tradição oral. Assim, seus trabalhos não só produzem literatura, mas também fundamentam debates sobre políticas educacionais, interculturalidade e descolonização do saber. “A oralidade continua sendo, para nós, a forma mais nobre de transmissão de conhecimento. O livro é apenas uma extensão dessa memória viva” (Munduruku, 2016, p. 21).

Dessa forma, percebemos que o ensino da literatura indígena em escolas indígenas, especialmente a literatura Ticuna, desempenha papel pedagógico, político e cultural, que deve garantir um ensino literário que valoriza a interculturalidade, a diversidade e a identidade.

3 CAMINHOS METODOLÓGICOS

3.1 NATUREZA DA PESQUISA

Por ser um estudo que visa compreender o ensino da literatura indígena em escolas indígenas, optamos pela abordagem qualitativa, pois, conforme, Prodanov e Freitas (2013, p.70):

[...] considera que há uma relação dinâmica entre o mundo real e o sujeito, isto é, um vínculo indissociável entre o mundo objetivo e a subjetividade do sujeito que não pode ser traduzido em números. [...] O processo e seu significado são os focos principais de abordagem.

De tal forma, compreendemos que essa abordagem possibilita a interpretação dos fenômenos e atribuição de significado aos dados que se destacam na pesquisa. A pesquisa qualitativa preocupa-se, portanto, com aspectos da realidade que não podem ser quantificados, centraliza-se na compreensão e explicação da dinâmica das relações sociais que se vive na sociedade.

A partir disso, para a execução desta pesquisa, foi necessário, inicialmente, realizar a pesquisa bibliográfica com autores que trazem reflexões sobre a literatura indígena e que fundamentam agora a escrita deste texto. Temos, como respaldo, a pesquisa bibliográfica que possibilita a produção de conhecimentos partindo de informações relevantes. Segundo Lakatos e Marconi (2002, p. 71), “a pesquisa bibliográfica, ou de fontes secundárias, abrange toda bibliografia já tornada pública em relação ao tema de estudo, desde publicações avulsas, boletins, jornais, revistas, livros, pesquisas, monografias, teses, material, cartográficos etc.”

Também foi realizada a pesquisa de campo a fim de coletar dados relevantes para o desenvolvimento do estudo. Segundo Prodanov (2013, p. 60), a pesquisa de campo é uma das fontes principais para se coletar os dados, visto que “[...] é aquela utilizada com objetivo de prosseguir informações e/ou conhecimentos acerca de um problema para o qual procuramos uma resposta[...], ou, ainda, descobrir novos fenômenos ou as relações entre eles [...]”. É a busca pela compreensão daquilo que ainda não possuímos conhecimentos, como, por exemplo, investigar sobre a importância da literatura indígena nas escolas indígenas.

Nesse contexto, a coleta de dados foi realizada em uma escola municipal indígena localizada no município de Benjamin Constant-AM, com a aplicação de um questionário que possuía seis perguntas abertas (Apêndice 1). O levantamento de dados ocorreu entre 05 de

agosto de 2025 até 05 de novembro de 2025, do qual participaram 06 professores, sendo 3 do gênero masculino e 3 do gênero feminino.

Lakatos e Marconi (2021) afirmam que “o questionário representa um meio eficiente de obtenção de dados quando se pretende alcançar grande número de pessoas, proporcionando uniformidade nas respostas e facilitando a tabulação”. Entretanto, os autores alertam que sua eficácia depende da clareza das perguntas e da pertinência dos itens com os objetivos da pesquisa. Com base nisso, os dados foram submetidos à análise a fim de responder os objetivos propostos.

3.2 FENOMENOLOGIA E ANÁLISE DE DADOS

Segundo Cerbone (2012, p.16), “a fenomenologia tem seu início com Edmund Husserl (1859-1938), mas de modo algum termina com ele”. Essa afirmação situa Husserl como o ponto de partida de uma corrente filosófica que também influenciou pensadores como Heidegger, Sartre e Merleau-Ponty, a qual “dedica-se ao estudo da consciência e dos fenômenos, que aparecem no decorrer da experiência” (Cesário; Lacerda, 2024, p. 5-6).

Para Husserl, o objeto da fenomenologia é a experiência consciente, isto é, a forma como o sujeito percebe o mundo e atribui significado às suas vivências. Nesse sentido, a fenomenologia não separa sujeito e objeto, mas busca compreender a relação intencional entre ambos: “a fenomenologia está precisamente ocupada com os modos pelos quais as coisas aparecem ou se manifestam para nós, com a forma e estrutura da manifestação” (Cerbone, 2012, p. 20 *apud* Cesário; Lacerda, 2024, p. 6).

Nesse contexto, o trabalho adota a fenomenologia para compreender como os professores indígenas percebem e significam o ensino da literatura indígena em seu contexto cultural, isto é, compreender, analisar e enfatizar a percepção deles acerca desse ensino. No processo de análise, a fenomenologia serve como base filosófica de interpretação de experiências e não como eixo principal. Dessa forma, ela aparece para justificar o olhar sensível sobre as vivências, percepções e significados que os professores indígenas atribuem à literatura indígena.

4 ANÁLISE E DISCUSSÃO DOS RESULTADOS

4.1. A PRESENÇA DA LITERATURA INDÍGENA EM SALA DE AULA

De forma geral, os resultados revelam que a literatura indígena é efetivamente trabalhada no cotidiano escolar, em consonância com os interesses e a realidade dos alunos. A partir do Quadro 1, mostramos de que forma ocorre o trabalho com a literatura indígena em uma escola indígena, conforme o questionário respondido pelos professores.

Quadro 1 - Formas de se trabalhar a literatura indígena na sala de aula

1. PERGUNTA: VOCÊ TRABALHA A LITERATURA INDÍGENA EM SALA DE AULA? SE SIM, DE QUE FORMA? SE NÃO, POR QUÊ?

Professor A: *“Sim, através dos textos de conto, relatos, músicas, dramatização, pinturas corporais e grafismos”.*

Professor B: *“Sim, através dos textos de contos relatos, músicas, dramatização, pinturas corporais e grafismos”.*

Professor C: *“Sim! Trabalho a literatura indígena em sala de aula e a forma como é trabalhada é praticamente apresentando aos alunos textos literários relacionados aos contextos da realidade indígena, abordando explicações acerca da importância de cada texto literário, principalmente dos autores que fazem e fizeram parte da obra. E desta forma, os livros são aproveitados, textos são lidos pelos alunos. Enfim, a troca de conhecimento do professor/alunos é enriquecedor”.*

Professor D: *Sim. “De forma sistematizado para serem explicitados na sala de aula”.*

Professor E: *Ler escrever palavras, frases, texto e elaboração textuais em diversos gêneros.*

Professor F: *Através de leituras, levantamento de palavras, formação de frase, e elaboração textuais em duplas e em trio.*

Fonte: elaborado pelo autor (2025).

Pelos relatos apresentados, os professores A e B revelam que a literatura indígena é vivenciada por meio de contos, relatos, músicas, dramatizações, pinturas corporais e grafismos, práticas que aproximam o aprendizado da cultura viva Ticuna. Essas respostas enfatizam o valor da oralidade e da performance como formas de expressão e memória coletiva. Isso dialoga com o que Silva (2021, p. 45) observa ao destacar que a literatura

indígena contemporânea mantém “o elo entre a oralidade ancestral e a escrita como registro da identidade coletiva”.

Então, o trabalho com a literatura no processo de ensino contribui para a ampliação dos conhecimentos dos alunos a partir da origem cultural. Essa prática confirma o observado por Silva (2024), que analisou o impacto das histórias Ticuna no desenvolvimento da leitura em escolas indígenas de Tabatinga e concluiu que tais narrativas potencializam o engajamento e ampliam a competência leitora. “O uso das histórias tradicionais Ticuna nas práticas escolares reforça a aprendizagem da leitura e contribui para que o aluno se reconheça como sujeito de sua própria cultura” (Silva, 2024, p. 33).

O professor C acrescenta que o trabalho é enriquecido pela leitura e discussão dos textos em sala, promovendo o intercâmbio entre saberes docentes e discentes. Tal abordagem reforça a noção de educação dialógica defendida por Freire (1996), segundo a qual o conhecimento se constrói na interação crítica entre sujeitos.

Já os professores D, E e F evidenciam a ênfase no desenvolvimento linguístico, leitura, escrita e produção textual, como forma de vincular a língua portuguesa à visão de mundo indígena. Isso significa que, apesar de se ter o trabalho com a literatura indígena, ainda há um ensino vazio, que não apresenta nenhum sentido identitário, limitando a construção de diálogo entre a literatura indígena e o processo intercultural dos estudantes indígenas. De acordo com Caviedes (2023), é importante que exista uma mediação cultural para que o aluno indígena “reconheça sua própria narrativa como legítima e formadora de conhecimento”.

Conforme defendem Picanço e Teixeira (2022), a educação intercultural só se efetiva quando as práticas escolares contemplam os modos de ser e de saber dos povos indígenas, superando a imposição de modelos ocidentais homogêneos. Desse modo, as entrevistas realizadas com os professores revelam que, por um lado, a literatura indígena vem sendo trabalhada pelo viés da valorização de práticas culturais indígenas, mas, por outro, ainda se tem atividades tradicionais de leitura e escrita de palavras, frases e textos, que não colaboram efetivamente para o conhecimento das especificidades dos povos indígenas.

4.2 A LITERATURA INDÍGENA EM SALA DE AULA E O MATERIAL UTILIZADO

Outro dado importante refere-se à utilização de livros bilíngues que têm como propósito registrar e transmitir a memória cultural. Essa prática dialoga com a iniciativa do livro “Minha luta pelo meu povo”, publicado em versão ticuna e português, que busca garantir a circulação do conhecimento indígena em contextos escolares (Soares, 2019). A partir do

Quadro 2, temos a apresentação do trabalho com a literatura indígena e os materiais disponíveis para isso.

Quadro 2 – Materiais específicos para o trabalho com a literatura indígena

2. PERGUNTA: VOCÊ ENCONTRA DIFICULDADES EM TRABALHAR COM A LITERATURA INDÍGENA EM SALA DE AULA? VOCÊ UTILIZA LIVRO(S) OU MATERIAL (IS) ESPECÍFICOS QUE ABORDAM A LITERATURA INDÍGENA?

Professor A: *Sim, o livro nosso povo Torii Duiüügii Nosso povo e um deste trabalhos de muitas mãos, criatividade e repleto de uma capacidade de explicar a invenção do mundo vivido pelo povo Ticuna. OGPTB 2000: Livro das árvores, livro de peixes, livros das aves e livros dos sapos. Dentro deste livro, os Ticuna vão encontrar as histórias do tempo antigo, do tempo passado.*

Professor B: *Sim, o livro nosso povo Torii Duiüügii OGPTB 2000. Livro das árvores, livro dos peixes, livro dos pássaros, livro dos sapos e livro da saúde bucal.*

Professor C: *“Sim”.*

Professor D: *“Sim, trabalho com os principais materiais que fazem parte da origem do povo”.*

Professor E: *Trabalhando mais a realidade da educação indígena dentro da educação da educação escolar de ensino e focar na explicação da etno educação Ticuna.*

Professor F: *Trabalhando fortemente em cima da educação indígena, os alunos desenvolvem mais habilidades sobre a sua cultura e assim, a literatura indígena ganha mais visibilidade na educação escolar de ensino na educação escolar de ensino.*

Fonte: Pesquisa de campo, 2025.

Os professores A e B relatam a disponibilidade de materiais didáticos específicos sobre a literatura indígena, mencionando o livro “Nosso povo Torü Duüügü” e outras obras elaboradas coletivamente pelo povo Ticuna. Enquanto o professor C, apenas responde “sim”, não explicando sua forma de trabalho e nem os materiais utilizados.

O professor A ressalta que esses livros são “criatividades e repleto de uma capacidade de explicar a invenção do mundo vivido pelo povo Ticuna”. Tal menção evidencia o valor do conhecimento tradicional como fonte legítima de saber. Conforme Munduruku (2010), a produção textual indígena tem caráter educativo e político, pois “ensina o modo de ser do povo e o respeito à ancestralidade”. A fala do professor D reforça essa dimensão, ao destacar o uso de materiais que fazem parte da origem do povo. Já o professor E relaciona a literatura à etnoeducação, conceito que Maher (2010) define como a busca de equilíbrio entre tradição e modernidade no ensino escolar indígena.

O professor F relata que na escola os professores trabalham com os alunos as habilidades sobre a cultura, permitindo que a literatura indígena seja visível no processo de ensino. A partir disso, os alunos podem se sentir mais motivados e participativos quando às aulas de literatura são voltados à valorização da própria cultura. Essa motivação está em linha com o estudo de Castro (2021), que analisou práticas de leitura em escolas Ticuna de Benjamin Constant e destacou que “A introdução da literatura indígena nas aulas de Língua Portuguesa não é apenas um recurso didático, mas uma forma de resistência cultural e de valorização identitária” (Castro, 2021, p. 56). Contudo, a disponibilidade parte do professor em buscar alternativas de materiais didáticos, principalmente livros que venham a nortear suas aulas.

4.3 ESTRATÉGIA PEDAGÓGICA PARA O ENSINO DE LITERATURA INDÍGENA

A literatura indígena, ao ser integrada no ensino, amplia o sentido pedagógico da Língua Portuguesa, tornando-a ferramenta de diálogo intercultural. No Quadro 3, podemos conhecer as estratégias pedagógicas que os professores utilizam para trabalhar com a literatura indígena em sala de aula.

Quadro 3 - Estratégias pedagógicas utilizadas pelos professores em sala de aula

3. PERGUNTA: QUE ESTRATÉGIA PEDAGÓGICA VOCÊ UTILIZA PARA TRABALHAR A LITERATURA INDÍGENA EM SALA DE AULA?

Professor A: *“Através dos contos, desenhos imagens, músicas, dramatizações, danças rituais da moça nova”.*

Professor B: *“Através dos contos, desenhos, imagens, músicas, dramatização, danças e rituais da moça nova”.*

Professor C: *“Leitura compartilhada, Roda de conversa, Análise cultural e Produção criativa”.*

Professor D: *“Trabalho na sala de aula desenvolvendo a etno Educação que seria a educação indígena dentro da educação de ensino”.* A etno educação representa uma abordagem crítica à educação diferenciada para povos indígenas e comunidades quilombolas no Brasil, fundamentada no conceito de etnodesenvolvimento.

Professor E: *A valorização da literatura indígena, dentro da escola é uma ferramenta poderosa de resistência e afirmação, para o povo ticuna isso representa a chance de manter viva sua língua, seus mitos, seu modo de ver o mundo. Não apenas como memória, mas também é uma parte vida da formação das novas gerações.*

Professor F: *A literatura indígena tem um papel muito importante no processo de aprendizagem dos alunos do 7º ano especialmente porque essa fase marca o aprofundamento das reflexões sobre a identidade, diversidade cultural, leitura crítica, avaliamos a sua importância de forma pedagógica, cultural e formativa.*

Fonte: elaborado pelo autor (2025).

Nos relatos, predominam metodologias baseadas em dramatizações, danças rituais, rodas de conversa e produções criativas, evidenciando uma abordagem sensível às dimensões simbólicas e estéticas da cultura Ticuna. Os professores A e B citam a dramatização da “moça nova”, rito tradicional de passagem, demonstrando a integração entre arte e aprendizagem.

Para Gomes (2017), a escrita e a performance indígena representam as formas de autoria cultural, nas quais o ato de ensinar é também um gesto de resistência e reconstrução de memória. O professor C, ao propor leitura compartilhada e análise cultural, exemplifica a prática intercultural defendida por Candau (2010), que propõe a educação como um diálogo entre saberes e linguagens.

Em relação as estratégias utilizadas pelos docentes, percebe-se que há maneiras diferenciadas que buscam ensinar de forma inovadora, através de danças e rituais. Porém, o que mais chama a atenção é a fala do professor D, que busca desenvolver sua aula por meio da Etnoeducação, uma forma diferenciada de ensinar a partir da valorização e da incorporação da cultura local dos povos indígenas.

Por sua vez, o professor E destaca a literatura como “ferramenta poderosa de resistência e afirmação, para o povo ticuna isso representa a chance de manter viva sua língua, seus mitos, seu modo de ver o mundo”. Essa percepção se aproxima da visão de Cavalcante (2020), para quem a literatura indígena é um instrumento de produção de saberes e manutenção da identidade. O conjunto das respostas mostra que os docentes atuam como mediadores culturais, promovendo uma educação que não apenas ensina sobre a cultura, mas a partir dela.

Um aspecto relevante é a constatação de que a literatura indígena está presente em sala de aula por meio de livros produzidos por autores Ticuna, como o “Nosso povo Torü Duügü”. Essa prática reforça a valorização da autoria indígena, permitindo que os alunos se reconheçam nas narrativas e nas formas estéticas da própria cultura. Moraes (2025) observa que o contato com histórias tradicionais, como o mito do surgimento do dia ou a narrativa da sumaumeira, possibilita não apenas o desenvolvimento da leitura, mas também a continuidade da memória coletiva, sendo a literatura um espaço de transmissão oral e escrita de saberes.

Além disso, todos os professores destacaram algum tipo de estratégia pedagógica que permitem aos estudantes interpretar criticamente os textos, desenvolver a escrita em diferentes gêneros e relacionar-se com a realidade social. Oliveira e Silva (2024) reforçam essa função da literatura indígena como letramento crítico, capaz de interconectar cosmovisões e formar leitores que dialogam com a diversidade cultural.

4.4. A MOTIVAÇÃO DOS ALUNOS AO SE TRABALHAR COM A HISTÓRIA E A CULTURA INDÍGENA

O estudo da literatura oferece a oportunidade de ultrapassar os limites impostos pela sua realidade imediata, permitindo que o aluno explore um universo de fantasia. Nesse subtema, iremos aprofundar no Quadro 4 as motivações sobre o estudo da literatura e como ela pode fornecer ao professor elementos que podem ajudar os discentes a lidar com seus sentimentos, incluindo dificuldades e frustrações.

Quadro 4 - Percepção dos professores em relação à motivação dos alunos para o trabalho com a história e a cultura indígena

4. PERGUNTA: NA SUA OPINIÃO, OS ALUNOS SE SENTEM MAIS MOTIVADOS AO SE TRABALHAR COM A HISTÓRIA E A CULTURA INDÍGENA NAS AULAS DE LITERATURA?

Professor A: *“Sim, principalmente quando as aulas estão voltadas para sua própria realidade”.*

Professor B: *“Sim, principalmente, quando as aulas são voltadas para a sua própria realidade como: o nascimento do Yo’i Ante do mundo existir Ngutapa já existia. Ele não teve pai nem mãe. e Ipi seus irmãos, de como a onça come Ngutapa, passaram-se alguns anos. Naquele tempo, as pessoas imortais cresciam muito depressa. Por isso, os filhos de Ngutapa logo ficara grande de como apareceu o dia, o coração da sumaumeira Depois de passado um tempo de derrubada da sumaumeira, Ipi foi até lá para ver ser a arvore já tinha apodrecido. Mas ela continuava viva, o pau começou a brotar de novo e outras histórias culturais do povo originário do Amazonas”.*

Professor C: *“Sim! Os alunos sentem-se mais motivados quando a literatura indígena é trabalhada em sala de aula, principalmente quando se trata de cultura A cultura e o modo de viver de um dos povos indígena e alunos indígenas. Essa associação estabelece coma conexão de saberes, onde através dos livros, das literaturas indígena recebem conhecimentos da nossa ancestralidade, cultura, é conhecimento transmitido através das explicações e conhecimentos dos professores e conhecimento dos professores, que também são professores indígenas. É fundamental que esses professores sempre associem as suas aulas à realidade cultural de envolver todos os alunos ao ensino aprendizagem da nossa cultura para que as aulas se tornem mais prazerosa no objetivo no objetivo de envolver*

todos os alunos ao ensino aprendizagem da nossa cultura e realidade indígena”.

Professor D: *“Os alunos se sentem mais valorizados A valorização da educação indígena e fundamento não apenas para os povos originários, mas para toda sociedade brasileira descobriram que os aspectos afetivos da relação professor-aluno são mediadores fundamentais para o sucesso do processo ensino-aprendizagem, sendo tão importantes quanto ao domínio do conteúdo e aspectos didático-pedagógicos pelos docentes.*

Professor E: *Conhecendo cada detalhes vividos pelos nossos anciões através das preservações e perseverança que nunca deixaram de falar a sua língua mãe, que será repassada de geração-a-geração.*

Professor F: *No meu ponto de vista precisa muito conhecer a literatura através dos diversos textos literários. O professor precisa realmente trabalhar a literatura dentro da sala de aula, principalmente quando discipline de língua portuguesa exige produção e interpretação textual.*

Fonte: elaborado pelo autor (2025).

Todos os professores afirmam que os alunos se mostram mais motivados quando as aulas abordam a própria história e a cultura. O professor B exemplifica com narrativas míticas do povo Ticuna, como a criação de *Ngutapa*, demonstrando o fascínio que essas histórias despertam. Isso reforça o papel da literatura como veículo de pertencimento e identidade, conforme argumenta Ribeiro (2018), ao afirmar que a literatura pode ocupar um lugar de formação importante na escola.

O professor C menciona que a associação entre os conteúdos e a realidade dos alunos gera prazer e engajamento no processo de ensino-aprendizagem, ideia corroborada por Ferreira (2022), que observa o aumento da motivação quando os textos refletem o cotidiano dos estudantes indígenas. O professor D amplia a discussão ao destacar o papel afetivo da relação professor-aluno, o que se alinha à pedagogia humanizadora de Freire (1996), centrada no respeito e no diálogo.

Assim, este quadro revela que a literatura indígena, ao ser contextualizada, promove identificação, autoestima e engajamento, tornando-se um meio efetivo de aprendizagem e valorização cultural. Isso mostra que a valorização da realidade indígena faz com que o interesse seja maior, mas isso se dá por muitas situações, visto que os relatos docentes indicam que os alunos demonstram maior motivação quando as aulas de literatura incorporam elementos da cultura indígena, especialmente ao abordar narrativas míticas como as de *Yo’í* e *Ipi seus irmãos*.

Essa percepção conversa com a afirmação de Munduruku (2018, p. 45), para quem o reconhecimento da ancestralidade e das narrativas orais fortalece o sentimento de

pertencimento e gera maior engajamento no espaço escolar. Assim, compreendemos que a motivação discente, ao ser mediada pela literatura indígena, está ancorada na valorização da identidade coletiva e na legitimação de saberes locais, reafirmando a escola como espaço de interculturalidade (Candau, 2010, p. 220).

Ressaltamos ainda que os docentes entrevistados apontam uma maior motivação por parte dos alunos quando os conteúdos dialogam com sua vivência e ancestralidade. Essa percepção vai ao encontro da constatação de Caviedes (2023), que, ao realizar uma pesquisa com crianças Ticuna, verificou que a motivação, nesse caso, não se limita ao interesse pelo conteúdo, mas traduz-se em pertencimento, identidade e reconhecimento no ambiente escolar.

4.5 LITERATURA INDÍGENA COMO INSTRUMENTO DE PRESERVAÇÃO DA LÍNGUA E DA CULTURA TICUNA

No Quadro 5, percebemos que há uma imensa contribuição da literatura em relação a preservação da língua e de que a valorização da língua materna parte dessa insistência em trabalhar com livros que estão na língua materna. Por essa razão, é primordial que haja essa disponibilidade de obras de autoria indígena e que os professores façam tal uso, pois é a partir dessas obras que muitos serão familiarizados com a escrita no qual resultará no aperfeiçoamento cognitivo dos alunos.

Quadro 5 - A contribuição da valorização da literatura indígena Ticuna para a preservação da sua língua e sua cultura no ambiente escolar

5. PERGUNTA: DE QUE MANEIRA A VALORIZAÇÃO DA LITERATURA INDÍGENA PODE CONTRIBUIR PARA A PRESERVAÇÃO DA LÍNGUA E CULTURA TICUNA DENTRO DA ESCOLA?

Professor A: *“Ler escrever com autonomia palavras, e frases elaborações, frases e diversos gêneros textuais”.*

Professor B: *“Ler escrever palavras, frases, textos e elaboração textuais em diversos gêneros”.*

Professor C: *“A literatura indígena contribui bastante para a preservação da língua e cultura Ticuna dentro das escolas, de modo que, os alunos aprendem muito com os textos literários, sabe se que não escolas indígenas a maioria dos alunos são indígenas e trabalhar a literatura indígena é forma de manter o fortalecimento da identidade cultural, a preservação da língua materna, e a transmissão de saberes tradicionais. Portanto, a literatura indígena é um instrumento de resistência e preservação. Dentro da escola garante que a língua ticuna continue viva, que os alunos aprendam a valorizar suas raízes*

e que a cultura seja transmitida de forma contínua para as próximas gerações”.

Professor D: *“Trabalhando mais a validade da educação indígena dentro da educação escolar de ensino e focar na explicação da Étno Educação Ticuna”.*

Professor E: *A literatura indígena contribui bastante para a preservação da língua e cultura ticuna dentro da escolar. De modo que os alunos aprendem muito com os textos literários, sabe se que nas escolas indígenas a maioria dos alunos são indígenas e trabalhar a literatura indígena é forma de manter o fortalecimento da identidade cultural, a preservação da língua materna, e a transmissão de saberes tradicionais. Portanto, a literatura indígena é um instrumento de resistência e preservação. Dentro da escola ela garante que a língua ticuna continue viva, que os alunos aprendam a valorizar suas raízes e que a cultura seja transmitida de forma contínua para as próximas gerações.*

Professor F: *A literatura indígena tem uma grande importância no processo de ensino e aprendizagem dos alunos do 7º ano, pois amplia a visão de mundo e promove respeito a diversidade cultural. Ao entrar em contato com histórias, lendas e mitos dos povos indígenas, os estudantes desenvolvem competência de leitura, interpretação e reflexão crítica.*

Fonte: elaborado pelo autor (2025).

Os dados evidenciam que a valorização da literatura indígena é percebida como uma estratégia de fortalecimento linguístico e cultural, uma vez que o uso de narrativas Ticuna no espaço escolar estimula a leitura, a escrita e o reconhecimento da língua materna. De acordo com Maher (2010, p. 15), a escola indígena tem papel crucial na manutenção da diversidade linguística, pois “atua como território de resistência simbólica frente às forças hegemônicas de homogeneização cultural”. Logo, trabalhar a literatura indígena em sala de aula não apenas favorece o desenvolvimento de competências linguísticas, mas consolida a escola como espaço de preservação da memória coletiva e da resistência cultural.

O professor A destaca que a valorização da literatura indígena permite ao aluno “ler e escrever com autonomia palavras, frases e diversos gêneros textuais”. Embora sua resposta tenha aparência técnica, ela revela um entendimento profundo: aprender a escrever sobre si mesmo e sobre sua cultura é um ato político. Conforme afirma Gomes (2017), ao registrar sua própria narrativa, o povo indígena rompe com séculos de silenciamento e assume sua autoria cultural.

O professor B reforça essa visão ao afirmar que a literatura indígena permite ao aluno dominar “palavras, frases, textos e gêneros diversos”. Essa observação dialoga com Ferreira (2022), que discute a importância do letramento bilíngue e literário em escolas indígenas, apontando que a escrita sobre temas tradicionais fortalece a identidade linguística dos

estudantes e amplia sua competência comunicativa tanto em português quanto na língua materna.

Os professores reconhecem que a literatura indígena é essencial para preservar a língua e a cultura Ticuna. As falas de C e E são iguais ao afirmarem que a literatura é instrumento de resistência e preservação, mantendo viva a língua materna e transmitindo saberes tradicionais. Essa visão encontra ressonância em Cavalcante (2020, p. 18), que afirma que a literatura indígena é também “um ato político de resistência e de reafirmação identitária”. Isso significa que a língua indígena tem a sua importância e deve ser valorizada diante do contexto em que cada vez mais as tecnologias do mundo globalizado estão inseridas nos seus cotidianos. Diante desse fato, o papel da escola é mostrar para os alunos que as suas origens evidenciam sua identidade, conforme apontando por Cavalcante (2020).

O professor D enfatiza a importância da etnoeducação, explicando que trabalha a literatura indígena focando na “validade da educação indígena dentro da educação escolar”. Essa fala se articula ao conceito de etnodesenvolvimento de Maher (2010), que defende a construção de currículos que respeitem e promovam os modos de vida, línguas e epistemologias indígenas. Para o professor D, a literatura é um eixo para integrar os saberes tradicionais à escolarização formal.

Ampliar mais a importância da preservação da língua ticuna é uma forma de valorização do povo ticuna. Essa perspectiva é sustentada por Barreto (2021), que entende a educação intercultural como intercâmbio de saberes e práticas entre culturas, permitindo que o ensino da língua portuguesa dialogue com os valores e mitos originários. Da mesma forma, Krenak (2019) reforça que a preservação da língua é também preservação da “maneira de existir no mundo”.

Por fim, o professor F acrescenta que a literatura indígena amplia a visão de mundo dos alunos e promove respeito à diversidade cultural. Sua perspectiva dialoga com a concepção de Zilberman (2012), que compreende a literatura como prática de formação crítica, capaz de desenvolver a capacidade interpretativa do aluno e expandir sua leitura de mundo. Para os estudantes Ticuna, essa “leitura de mundo” inclui reconhecer-se enquanto sujeitos de uma tradição cultural viva. Sendo assim, demonstra que a literatura indígena não é apenas um conteúdo curricular, mas uma estratégia de reexistência cultural, no sentido de resistir existindo.

4.6 A IMPORTÂNCIA DA LITERATURA INDÍGENA NO PROCESSO DE ENSINO E APRENDIZAGEM

O Quadro 6, a seguir, demonstra que os professores têm os mesmos objetivos, isto é, contribuir com o processo de ensino da literatura indígena nas escolas, atribuindo metodologias que visam melhorar cada vez mais a compreensão dos alunos.

Quadro 6 - Percepção dos professores quanto à aplicação da literatura indígena no processo de ensino e aprendizagem

6. PERGUNTA: COMO VOCÊ AVALIA A IMPORTÂNCIA DA LITERATURA INDÍGENA NO PROCESSO DE ENSINO E APRENDIZAGEM DOS ALUNOS DO 7º ANO?

Professor A: *“Através da leitura, escrita, formação de frases respondendo as perguntas e interpretação textual em duplas ou em trio”.*

Professor B: *“Através da leitura, escrita, formação de frases respondendo as perguntas e interpretação textual em duplas ou em trio”.*

Professor C: *“A literatura indígena tem uma grande importância no processo de ensino e aprendizagem dos alunos do 7º ano, pois amplia a visão de mundo e promove o respeito a diversidade cultural. O trabalho com diversidade cultural na educação infantil sensibiliza os educandos sobre o respeito e valorização das diferenças, cabendo ao professor propor atividades que despertem curiosidade e respeito pelas culturas. Ao entrar em contato com histórias, lendas e mitos dos povos indígenas, os estudantes desenvolverem competência de leitura, interpretação e reflexão crítica”.*

Professor D: *“Trabalhando fortemente acima da educação indígena, explora a complexidade da gestão escolar indígena a partir de uma perspectiva pessoal como Técnico em Educação Escolar Indígena, enfatizando a necessidade de diálogo entre os sistemas educacionais tradicionais e as instituições de ensino formal os alunos desenvolvem mais habilidades sobre a sua cultura. Literatura indígena ganha mais visibilidade na educação escolar de ensino”.*

Professor E: *A valorização da literatura indígena ticuna contribui no fortalecimento da identidade, transmitindo saberes tradicionais, mantendo sempre viva a língua ticuna nas novas gerações. Quando os alunos veem sua própria cultura representada na literatura eles se sentem mais valorizados e o povo ticuna é mais reconhecido.*

Professor F: *Avalio que a literatura indígena é fundamental no processo de ensino e aprendizagem dos alunos do 7º ano, ele contribui para formar leitores críticos, e estimula o respeito a diversidade e amplia o conhecimento culturais dos alunos.*

Fonte: elaborado pelo autor (2025).

Os professores reforçam que a literatura indígena confere visibilidade à educação escolar indígena, ao propor atividades que estimulam a cooperação (interpretação em duplas e

trios) e o diálogo intercultural. Isso confirma a análise de Bartolomé (2006), para quem o ensino multicultural exige uma prática pedagógica comprometida com a equidade e a valorização da diferença. Assim, a literatura indígena não é apenas recurso pedagógico, mas também um campo de afirmação identitária e formação cidadã crítica.

As falas dos professores A e B mencionam atividades de leitura e escrita em duplas, que evidenciam práticas colaborativas que promovem aprendizagem ativa. Nessa linha de raciocínio, o professor A destaca que trabalha leitura, escrita, formação de frases e interpretação textual em duplas ou trios. Sua fala, ainda que aparentemente técnica, indica uma metodologia colaborativa que favorece a aprendizagem ativa. Segundo Freire (1996), o trabalho coletivo promove a troca de experiências e possibilita a construção compartilhada do conhecimento, especialmente quando o texto trabalhado emerge da própria realidade cultural dos estudantes. Nesse sentido, o professor A coloca a literatura indígena não como conteúdo decorativo, mas como matéria-prima do letramento.

Sobretudo, o professor B reforça essa perspectiva ao mencionar atividades de levantamento de palavras, formação de frases e elaboração textual. O foco na escrita estruturada a partir de textos indígenas demonstra uma pedagogia que reconhece a língua portuguesa como ferramenta de expressão intercultural. Conforme discute Ferreira (2022), o ensino de língua portuguesa nas escolas indígenas deve partir de referências culturais próprias, pois isso favorece a compreensão contextualizada e fortalece a autoestima linguística do aluno.

O professor C reforça o papel da literatura indígena no ensino e aprendizagem devido à ampliação da visão de mundo dos estudantes, pois permite o desenvolvimento de competências interpretativas e a promoção do respeito à diversidade. Essa perspectiva dialoga com os estudos de Silva (2019), que argumenta que a literatura indígena, ao inserir narrativas orais, lendas e mitos, fomenta a criticidade e a construção de identidades plurais.

Já o professor D enfatiza a necessidade de diálogo entre sistemas educacionais tradicionais e o ensino formal, preocupação destacada por Bartolomé (2006), ao tratar dos dilemas da interculturalidade nas políticas educacionais. Essa fala do autor olha para a realidade das vivências dos alunos no seu contexto da interculturalidade e políticas educacionais que podem promover um ensino mais inclusivo no que diz respeito a valorização da cultura à medida que fala sobre a memória ancestral juntamente o mundo em constante mudança.

Por outra perspectiva, o professor E sintetiza a essência do processo ao afirmar que “quando os alunos veem sua própria cultura representada na literatura, eles se sentem mais

valorizados e o povo ticuna é mais reconhecidos”. Essa constatação ecoa o pensamento de Munduruku (2016), que vê na palavra escrita o prolongamento da memória ancestral e no ato de ler-se enquanto povo, uma forma de libertação.

O entendimento do professor também coincide com as análises de Amaral (2020), que descreve a escola indígena como local de memória e continuidade cultural. Quando ele afirma que os alunos “sentem-se valorizados quando veem sua cultura representada”, temos a compreensão de que a literatura não apenas ensina: ela confirma a existência e dignidade do povo Ticuna dentro do espaço escolar.

Por fim, o professor F afirma que a literatura indígena “é fundamental para formar leitores críticos, estimular o respeito à diversidade e ampliar o conhecimento cultural”. Sua fala articula o papel social e cognitivo da literatura, alinhando-se à perspectiva de Cavalcante (2020), que define a literatura indígena como saber que produz pensamento crítico, amplia horizontes e rompe silenciamentos históricos. Ao reconhecer que para os alunos é um momento de aprofundamento reflexivo, o professor destaca a literatura como elemento capaz de promover autonomia intelectual.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A análise dos resultados nos permitiu concluir que a literatura indígena desempenha papel estratégico na construção de conhecimento acerca de uma realidade, especialmente a do contexto indígena referente à etnia Ticuna. Na discussão, os professores ao integrarem diferentes propostas metodológicas para o ensino da literatura indígena, como as narrativas do povo ticuna apresentadas no livro “Nosso povo Torü Duügü”, bem como uso de contos, desenhos, imagens, danças e rituais em sala de aula, promovem não apenas a aprendizagem da leitura e da escrita, mas também a afirmação identitária desses estudantes.

Nesse contexto, a literatura indígena já vem sendo trabalhada em sala de aula, com base em narrativas tradicionais ticunas e livros produzidos por professores locais, sendo um avanço no processo de consolidação da valorização da cultura e identidade dos alunos indígenas. Além disso, a motivação dos estudantes aumenta quando a literatura indígena é ensinada a partir de elementos de sua própria cultura.

Com isso, podemos dizer que o objetivo geral de verificar se a literatura indígena está sendo trabalhada em sala de aula foi alcançado, uma vez que a análise mostrou como isso é feito pelos professores e eles ainda trazem os materiais didáticos utilizados, contribuindo para a importância da literatura no contexto escolar indígena. Logo, respondemos ainda nossas questões norteadoras ao trazer as percepções dos professores que, em sua maioria, compreendem a literatura indígena como parte de um projeto maior de educação intercultural, pois trata-se de reafirmar identidades, promover inclusão e garantir que a escola seja também um espaço de resistência cultural e produção de saberes.

Falar sobre a literatura indígena nesta pesquisa, permitiu-nos compreender o papel significativo que ela apresenta na prática do ensino do professor e na formação do aluno, destacando a empatia, a criatividade, o vocabulário, as habilidades de pensamento crítico e a reflexão sobre as próprias experiências. Ressaltamos ainda que integrar a literatura em atividades interdisciplinares enriquece o aprendizado e mostra sua relevância em diversas áreas do conhecimento, reforçando a ideia de que a educação e a etnoeducação, conforme apontado pelo professor D devem ser um processo dinâmico e crítico. Portanto, a literatura indígena não pode ser vista apenas como mais um conteúdo escolar, mas como um caminho para resgatar memórias, garantir a continuidade da língua e formar sujeitos críticos e culturalmente situados em sua própria cultura.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, M. R. C. **Quando é preciso ser índio: identidade étnica como força política nas aldeias do Rio de Janeiro**. In: REIS, D. A. et al. (Org.). Tradições e modernidades. Rio de Janeiro: Ed. FGV, 2010.

AMARAL, J. P. Literatura indígena e resistência cultural: a escola como território de memória. **Revista de Educação Intercultural**, v. 12, n. 2, p. 65-84, 2020.

BARRETO, J. R. R. Educação intercultural e o intercâmbio de conhecimento indígena. In: **Saberes e ciência plural: diálogos e interculturalidade**. Academia.edu, 2021. Disponível em: https://www.academia.edu/download/106841990/Saberes_20e_20ci_C3_AAncia_20plural-ebook-4nov2021.pdf#page=246. Acesso em: 18 set. 2025.

BARTOLOMÉ, M. A. Interculturalidade e política: desafios e dilemas. **Revista Brasileira de Educação**, n. 32, 2006.

BORGES, C. R. S. Literatura e letramento literário: a experiência do feminino nos contos de autoria indígena nas aulas de Língua Portuguesa. 2023. **Tese (Doutorado)**. ProQuest. Disponível em: <https://search.proquest.com/openview/94a630f933d6d64eef17d9411a267278/1?pq-origsite=gscholar&cbl=2026366&diss=y>. Acesso em: 18 set. 2025.

CAMARGOS, L. S. Os desafios do ensino de língua portuguesa para indígenas em cursos superiores interculturais. **Anais da XXIV Jornada do Grupo de Estudos Linguísticos do Nordeste (GELNE)**. Natal: EDUFRN, p. 1-8, 2012.

CANDAU, V. M. F. Educação intercultural: um desafio para a formação de professores. **Educação & Sociedade**, v. 31, n. 113, 2010.

CARDOSO, T. C. **A abordagem intercultural e o ensino de Química na proposta curricular do curso de formação de professores indígenas**. Manaus: UFAM, 2025. Disponível em: <https://tede.ufam.edu.br/handle/tede/11032>. Acesso em: 26 ago. 2025.

CASTRO, M. C. Práticas pedagógicas de leitura no Ensino Fundamental em escolas indígenas Ticuna: o caso da Escola Ebenezer em Benjamin Constant. 2021. **Monografia (Graduação em Letras) – Universidade Federal do Amazonas**, Benjamin Constant, 2021. Disponível em: <https://riu.ufam.edu.br/handle/prefix/6841>. Acesso em: 09 set. 2025.

CAVALCANTE, V. M. Literatura indígena: identidade, resistência e produção de saberes. **Revista Letras Raras**, v. 9, n. 2, 2020.

CAVIEDES, M. Desafios para a educação escolar nas terras indígenas: o olhar de professores e crianças Ticuna. **Espaço Ameríndio**, Porto Alegre, v. 17, n. 2, p. 1-25, 2023.

DA COSTA OLIVEIRA, A. LUCIANO, G. S. **O índio brasileiro: o que você precisa saber sobre os povos indígenas no Brasil de hoje**. Brasília: MEC/SECAD; LACED/Museu Nacional, 2006.

DORRICO, J. et al. **Literatura Indígena brasileira contemporânea**. Criação, Crítica e Recepção, 2018.

FERREIRA, L. R. Educação bilíngue e literatura indígena: reflexões sobre práticas escolares. **Revista Brasileira de Linguística Aplicada**, v. 22, n. 1, p. 89-104, 2022.

FREIRE, P. **Pedagogia da Autonomia**: saberes necessários à prática educativa. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

GOMES, A. R. Dificuldades no ensino da leitura em língua portuguesa como L2 em escolas indígenas Ticuna de Tabatinga-AM. 2018. **Monografia (Graduação em Letras) – Universidade Federal do Amazonas**, Tabatinga, 2018. Disponível em: <https://rii.ufam.edu.br/handle/prefix/7725>. Acesso em: 09 set. 2025.

GOMES, N. L. Escrita indígena e autoria cultural: desafios na educação escolar indígena. **Educação & Sociedade**, v. 38, n. 139, p. 59-74, 2017.

HOLGUIM, T. M. Educação intercultural e preservação da língua Ticuna em escolas de Benjamin Constant-AM. **TCC (Graduação em Educação)**, Universidade Federal do Amazonas, 2025. Disponível em: https://rii.ufam.edu.br/bitstream/prefix/8451/2/TCC_TatianaHolguim.pdf. Acesso em: 18 set. 2025.

KRENAK, A. **Ideias para adiar o fim do mundo**. São Paulo: Companhia das Letras, 2019.

LAKATOS, E. M.; MARCONI, M. A. **Fundamentos de metodologia científica**. 9. ed. São Paulo: Atlas. 2021.

MAHER, T. M. **Educação escolar indígena**: entre a tradição e a modernidade. *Cadernos Cedes*, v. 30, n. 81, 2010.

MINAYO, M. C. S. **O desafio do conhecimento**: pesquisa qualitativa em saúde. 14. ed. São Paulo: Hucitec. 2014.

MORAES, Y. E. Torü du'ügü: a contribuição das histórias indígenas Ticuna no desenvolvimento da leitura em uma escola indígena de Tabatinga-AM. **TCC (Graduação em Educação)**, Universidade Federal do Amazonas, 2025. Disponível em: https://rii.ufam.edu.br/bitstream/prefix/8758/6/TCC_YaraMoraes.pdf. Acesso em: 18 set. 2025.

MUNDURUKU, D. **A palavra do grande chefe**. São Paulo: Global Editora, 2012.

MUNDURUKU, D. **Memórias de índio: uma quase autobiografia**. São Paulo: Companhia das Letras, 2016.

MUNDURUKU, D. **O caráter educativo do movimento indígena brasileiro**. São Paulo: Paulinas, 2010.

MUNDURUKU, D. **O caráter educativo do movimento indígena brasileiro**. 2. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2018.

OLIVEIRA, M. A.; COSTA, S. A. da. Literaturas indígenas e a força da ancestralidade no ensino das relações étnico-raciais. **Anais do Fórum de Integração Ensino, Pesquisa e Extensão**, Boa Vista, v. 5, n. 2, p. 1-12, 2024. Disponível em: https://periodicos.ifrr.edu.br/index.php/anais_forint/article/view/1791. Acesso em: 26 ago. 2025.

OLIVEIRA, M. D. “Índio escreve livros”: a literatura infantil com temática indígena na formação docente. Universidade Federal do Rio Grande do Norte, 2024. Disponível em: <https://repositorio.ufrn.br/bitstreams/3e493bc9-ae2-4c76-bd48-b47f95052b99/download>. Acesso em: 18 set. 2025.

OLIVEIRA, R. C. **Língua portuguesa e literatura indígena: práticas de ensino em escolas diferenciadas**. Cadernos CEDES, v. 39, n. 108, p. 110-124, 2019.

OLIVEIRA, S. R. et al. **O processo educacional da cultura indígena Ticuna na Região do Alto Solimões**. 2012.

OLIVEIRA, T. S.; SILVA, M. G. T. Cosmovisões interconectadas: um estudo da literatura indígena como proposta de letramento. **Muiraquitã: Revista de Letras e Humanidades**, v. 12, n. 3, p. 45-62, 2024. Disponível em: <https://periodicos.ufac.br/index.php/mui/article/download/7620/4710>. Acesso em: 18 set. 2025.

PICANÇO, F. M. G.; TEIXEIRA, W. B. A educação intercultural indígena: contexto e desafios da língua portuguesa em comunidades de Japurá-AM-Brasil. In: **Anais do VIII CONEDU**. Maceió: Realize Editora, 2022. Disponível em: https://www.editorarealize.com.br/editora/anais/conedu/2022/TRABALHO_COMPLETO_EV174_MD1_ID9169_TB300_02102022023012.pdf. Acesso em: 18 set. 2025.

PRODANOV, C. C. FREITAS, E. C. **Metodologia do trabalho científico: métodos e técnicas da pesquisa e do trabalho acadêmico**. 2. ed. Novo Hamburgo: Feevale, 2013.

PRODANOV, C. C. **Metodologia do trabalho científico: métodos e técnicas da pesquisa e do trabalho acadêmico**. 2. ed. Novo Hamburgo: Feevale, 2013.

RIBEIRO, D. O lugar da literatura indígena na formação escolar. **Revista Estudos Literários**, v. 24, n. 3, p. 125-140, 2018.

SILVA, J. A. Literatura indígena no Brasil contemporâneo: entre a oralidade e a escrita. **Revista Letras**, v. 101, n. 2, p. 40-55, 2021.

SILVA, J. P. Torü du'ügü: a contribuição das histórias indígenas Ticuna no desenvolvimento da leitura em escolas indígenas. 2024. **Trabalho de Conclusão de Curso (Licenciatura em Pedagogia) – Universidade Federal do Amazonas**, Tabatinga, 2024. Disponível em: <https://rii.ufam.edu.br/handle/prefix/8758>. Acesso em: 09 set. 2025.

SILVA, P. B. G. Educação das relações étnico-raciais: desafios e perspectivas. **Educação & Sociedade**, v. 40, 2019.

SOARES, M. F. **Minha luta pelo meu povo**. Manaus: FAPEAM, 2019. Disponível em: <https://www.fapeam.am.gov.br/livro-narra-historia-do-povo-indigena-mais-numeroso-da-amazonia/>. Acesso em: 09 set. 2025.

SOUZA, J. M. Educação escolar indígena: um estudo sobre o ensino de línguas no 7º ano do ensino fundamental II na Escola Municipal Indígena Porto Cruzeirinho. **TCC (Graduação em Educação)**, Universidade Federal do Amazonas, 2024. Disponível em: https://rii.ufam.edu.br/bitstream/prefix/8149/2/TCC_JumaraSouza.pdf. Acesso em: 18 set. 2025.

THIÉL, J. **Pele silenciosa, pele sonora a literatura indígena em destaque**. Belo Horizonte: Autêntica, 2012.

ZILBERMAN, R. **Literatura**. Curitiba: Inter Saberes, 2012.

APÊNDICE 1 - QUESTIONÁRIO

1) - Você trabalha a literatura indígena em sala de aula? Se sim, de que forma? Se não, por quê?

2) - Você encontra dificuldades em trabalhar com a literatura indígena em sala de aula? Você utiliza livro(s) ou material(is) específicos que abordam a literatura indígena?

3) - Que estratégia pedagógica você utiliza para trabalhar a literatura indígena em sala de aula?

4) - Na sua opinião, os alunos se sentem mais motivados ao se trabalhar com a história e a cultura indígena nas aulas de literatura?

5) - De que maneira a valorização da literatura indígena pode contribuir para a preservação da língua e cultura ticuna dentro da escola?

6) - Como você avalia a importância da Literatura Indígena no processo de Ensino e aprendizagem dos alunos do 7º ano?
